

É com imensa alegria que lançamos o volume 2, n. 2, jan./jun., 2008, da revista *Bagoas*. Este segundo número constitui um passo importante para a consolidação de um projeto que tem sido alimentado com desejo e esperanças. Pretendemos que nossas edições expressem os esforços de muitos que se entregam à tarefa de pensar e produzir conhecimento, e que o fazem com o compromisso das reflexões críticas e com preocupações sociais. Nosso projeto é não deixar que a revista se torne espaço para o fastio de textos sem interesse, alheios ao mundo da vida, que, de tão bem integrados a bom-mocismos cientificistas e acadêmicos, servem apenas às estatísticas de produção, pessoal ou institucional, ou ainda a vaidades duvidosas.

*Bagoas* deseja ser um espaço de diálogo, incluindo o debate entre autores que adotam posicionamentos em comum de crítica ao preconceito, às visões sexistas, machistas, masculinistas e homofóbicas, crítica à ideologia heteronormativa dominante, mas com possíveis divergências quanto a aspectos específicos. Assim, não será estranho que publique pontos de vista às vezes discordantes e torne possível a crítica interna e o debate entre autores que, através da revista, possam dialogar.

Uma revista "proposta, uma revista "idéia": espaço de debate de temas que – sendo ainda tabus para alguns, mesmo quando se trata do ambiente acadêmico-universitário – se constituem objeto de estudo e reflexão de diversos pesquisadores, professores, estudantes, que estejam ou não nas nossas universidades. Pesquisadores que constroem suas carreiras se dedicando aos estudos das temáticas de gênero, sexualidade, homossexualidade, transexualidade, discursos sobre o sexual, não apenas pela constituição de mais uma área do saber, mas igualmente para contribuir com a reflexão em torno de questões que, historicamente, têm sido apropriadas por visões preconceituosas que ajudam a perpetuar conservadorismos e discriminações infundadas. Revista "proposta, revista de idéias,

*Bagoas* deseja ser um espaço acadêmico de respostas bem-elaboradas a esses conservadorismos e visões preconceituosas que sustentam concepções, instituições, práticas e relações sociais responsáveis pela reprodução de modos de vida opressivos, de continuadas sujeições e violências contra muitos. Nesse sentido, desejamos oferecer uma revista que conjugue, sempre, rigor acadêmico, sem academicismos; ciência, sem cientificismos; e teoria, sem teoricismos alheios à vida. É nosso entendimento que se o conhecimento não serve para pensar e melhorar a vida humana, não serve para mais nada de importante.

Vivemos em sociedades que (re)clamam por nossos posicionamentos, e, cada vez mais, pela persistência de desigualdades, injustiças, exclusões, situações iníquas. Estas que se nos apresentam todos os dias e, de muitas maneiras, afetam nossas vidas, tornando-nos objetos ou cúmplices da subtração da cidadania, negação e violações de direitos, arbitrariedades, práticas de servidão e alienação. Com essa consciência, *Bagoas* não se idealiza como produto de uma ciência de ilusória neutralidade, alheia à vida e aos sofrimentos humanos, mas como revista empenhada na crítica do discurso da dominação e comprometida com as mudanças sociais emancipatórias no Brasil e no mundo.

Junho 2008: o segundo número da *Bagoas* foi finalizado no mesmo mês da realização da I Conferência Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, da qual publicamos sua "Carta de Brasília". Convocada pelo Governo Federal brasileiro, a I Conferência Nacional LGBTT canalizou as propostas elaboradas nos diversos estados do país e tornou possível a formalização de documento para o Estado brasileiro e suas autoridades e agentes, com proposições de políticas públicas de enfrentamento da discriminação e de promoção da emancipação e cidadania dos LGBTTs. A Conferência constituiu momento político importante para segmento social dos mais discriminados e violentados da sociedade brasileira, representando o reconhecimento oficial de ativistas, militantes e entidades como atores da interlocução junto ao Estado quanto às questões relativas à

discriminação contra gays, lésbicas, travestis e transexuais no nosso país. Sem dúvida, um momento de fortalecimento de movimento iniciado, no Brasil, há 30 anos, que acumula forças e conquistas, embora fragilidades existentes, dificuldades a superar e aspectos conceituais e políticos que merecem reflexões críticas.

Junho 2008 foi também o mês das prisões dos sargentos do Exército brasileiro, Laci Araújo Marinho e Fernando Alcântara de Figueiredo, acusados de desobediência a regulamento específico. Examinado de perto, o caso de suas prisões é claro ato de homofobia que se tentou camuflar. Nesse caso, ato praticado por agentes do Estado, o que, já por si inaceitável, torna-se mais grave. Disfarçando-se em cumprimento de norma interna, o preconceito buscou justificar-se e confundir a todos, acusando os sargentos de deserção, indisciplina etc., quando o que se praticou no Exército nacional, no caso dos dois militares, foi punição por clara hostilidade aos que, sem subterfúgios, escolhem viver suas vidas e seus desejos no usufruto da liberdade que é assegurada a todos nós que vivemos em sociedades de Estados laicos e democráticos. As cenas das prisões dos dois sargentos nos transportaram a imagens de Estados totalitários de ontem e de hoje na história que encarce(ra)ram, tortu(ra)ram e assassina(ra)m homens e mulheres por seus posicionamentos políticos, atividades intelectuais e por suas escolhas na vida privada, incluindo a sexualidade, o prazer. Prisões como a dos dois sargentos merecem o repúdio de todos aqueles que atuam em defesa dos direitos humanos e da liberdade. Nenhum silêncio pode se fazer em torno de casos como o deles. Será cumplicidade com a violência contra gays e conveniência política deplorável.

Fatos dessa natureza não se distanciam de ocorrências como, em 1895, na Inglaterra, a sentença de dois anos de prisão com trabalhos forçados, aplicada ao escritor Oscar Wilde, sob justificativa de condenação por processo, mas clara punição à sua ousadia de viver o escândalo da homossexualidade. Igualmente, não se separam das freqüentes humilhações, injúrias, agressões físicas e assassinatos

praticados contra homossexuais, travestis e transexuais nas nossas diversas cidades. Estudos e levantamentos vários têm demonstrado o quanto o preconceito em torno da homossexualidade é fonte de diferentes formas de violência: piadas nas ruas, insultos nas escolas, termos pejorativos ou caricatos nos meios de comunicação, práticas de assédio moral no trabalho, agressões no interior das famílias. Há cidades onde escolas dificultam ou desestimulam a matrícula de travestis ou instituições e espaços público-coletivos hostilizam suas presenças. As travestis e transexuais são ainda alvo da gratuita violência policial e da hipocrisia coletiva ou individual que as "confunde" de muitas maneiras, assegurando-se preconceitos e discriminações. A violência mais grave é o assassinato de gays, lésbicas e travestis, que, embora sem registro preciso por parte dos órgãos oficiais, chega a dados alarmantes e dramáticos, sistematicamente denunciados em levantamentos realizados por entidades como o Grupo Gay da Bahia, Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), entre outras.

Ainda sobre violências relacionadas a preconceitos envolvendo gênero e sexualidade, não podemos deixar de mencionar as recentes condenações de mulheres, em diferentes estados brasileiros, por prática de aborto. Num único estado da federação, Mato Grosso do Sul, 9,8 mil mulheres estão sendo investigadas por determinação da Justiça, com base em prontuários médicos. Intolerável exemplo dos efeitos perversos de visões preconceituosas e conservadoras que se empregam a combater a emancipação sexual das mulheres e a restringir direitos sem os quais não teremos verdadeira democracia e verdadeiro Estado laico. Se o tema do aborto torna-se controverso em sociedades dominadas por concepções religiosas e por moral conservadora, não o é porque encerre em si mesmo questões que necessitam ser esclarecidas – moral, filosófica ou cientificamente –, mas porque mobiliza reações daqueles que não conseguem conceber a realidade senão pelo estreito viés de seus preconceitos e limitações. Em nossas sociedades de religiões

monoteístas, as mulheres, juntamente com os homossexuais, têm sido o bode expiatório de culpas e reveses de ordens sociais conservadas por instituições e poderes que, tendo inventado suas mitologias arbitrárias, não sabem mais o que fazer com elas.

Este segundo número aparece no mesmo momento também da notícia da "descoberta", por estudo realizado na Suécia, que o cérebro dos gays é igual ao das mulheres heterossexuais e o cérebro das lésbicas é igual ao dos homens heterossexuais. Estudos com ressonância magnética apresentariam, assim, as "provas mais sólidas, até hoje, de que a sexualidade não é uma opção, mas uma característica biológica". Em tempos de determinismos biológicos e de sociobiologias mal-pensadas, não é estranho que estudos como esses se realizem e que ecoem nas mídias. Resultam em explicações que convergem para o senso comum social que confunde gênero, sexualidade e as escolhas do desejo com biologia.

Todavia, cabe questionar a propriedade de pesquisas que demonstram curiosidade com o cérebro de homossexuais, certamente desejosas de oferecer uma tese definitiva sobre a especulação preconceituosa sobre a "causa específica" da homossexualidade. Não é essa especulação sintoma do conservadorismo dominante em nossas sociedades que não admite que indivíduos possam vivenciar a homossexualidade (de maneira esporádica ou duradoura) sem que para isso tenham que se justificar no argumento de uma condição inata, biológica, da qual seriam portadores? Somente na condição de se explicar como substância biológica, inata, como seria igualmente concebida a heterossexualidade, a homossexualidade passará a ser admitida? O que parece claro é que a mentalidade conservadora e o preconceito não suportam a idéia de liberdade: liberdade dos indivíduos, liberdade das escolhas, liberdade do desejo. Sem contar que estudos como esses a que nos referimos passam ao largo da superação dos estereótipos de gênero: qual "mulher" e qual "homem" servem de referência cultural para comparação, a mulher e o homem concebidos nos estereótipos sociais que o determinismo biológico ajuda a perpetuar?

Seguindo os estudos de gênero e sexualidade, nos quais a criação da *Bagoas* se inspira, e toda a produção teórica em ciências humanas sobre cultura, sociedade e história, torna-se inaceitável a confusão que se pretende fazer entre natureza e cultura, a pretexto de abalar convicções "culturalistas" que dominariam nossas ciências. Elidindo a sociedade, a história, as relações sociais, as práticas de poder, o discurso ideológico, as disputas políticas, o argumento da natureza despolitiza a reflexão sobre gênero e sexualidade e atrela direitos a serem conquistados pela mudança de mentalidade e redefinições do simbólico ao obscurantismo do apelo ao determinismo biológico.

*Bagoas* pretende ser luz para todos esses assuntos e questões. Os artigos e resenhas deste número abordam vários de seus aspectos. Deixaremos ao leitor a curiosidade de percorrer nosso sumário, resumos e os próprios textos. Agradecemos o incentivo e o apoio de leitores, assinantes e colaboradores que, acreditando em nossa proposta, enviam artigos, ensaios, resenhas e mensagens de apoio. Aos nossos consultores, agradecemos pelo empenho em dar pareceres cuidadosos.

Alípio de Sousa Filho

Editor